

# José Miguel Ribeiro

diz que

## ler nos liberta e dá asas

Na rua gostava de jogar à bola com os muitos vizinhos da sua idade, mas quando se via acompanhado apenas pelas irmãs a grande brincadeira era catar bichos do soalho da casa da avó, na Amadora, onde nasceu em 1966. O José Miguel Ribeiro é hoje ilustrador e realizador de cinema de animação, tendo tido uma infância recheada de aventuras, perigos, jogos e um ou outro acidentes com vidros de janela...

### Quais eram as suas brincadeiras preferidas em criança?

Dependia do local onde estava... Vivia muito em casa da minha avó. Ela vivia na Amadora, nós ao pé de Benfica. Como a minha mãe tinha de trabalhar, e o meu pai também, íamos para casa da minha avó, ficávamos o dia todo com ela e eles iam buscar-nos ao final do dia; às vezes até ficávamos mais do que um dia. A minha avó vivia numa casa que não era muito antiga, mas tinha soalho de tacos de madeira. Eu e as minhas duas irmãs fomos descobrindo que havia uns bichinhos pretos que viviam nesses tacos e uma das brincadeiras que começámos a explorar foi encontrar os bichinhos e colecioná-los dentro de caixinhas. Lembro-me disso porque os tacos de madeira tinham, nos espaços que os separavam, alguma

acumulação de pó, que nós limpávamos para apanhar os bichos que havia por baixo... Foi uma imagem que me ficou e agora, não sei por que razão, vi-a. Mas tinha outras brincadeiras: gostava, por exemplo, de desenhar por cima de coisas. A minha avó tinha uma toalha de pano com uns moinhos e umas pessoas; o meu avô trabalhava num café, de onde trazia aqueles papéis vegetais com que se embrulham os bolos. Lembro-me de ter essas folhas em cima da mesa e copiar o contorno das figuras.



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

Era um bocado mágico porque se punha o papel por cima, mas aquilo que estava na toalha passava para o papel, uma espécie de apropriação do objeto e do desenho que não conseguiríamos fazer de outra maneira. Estas são memórias com a minha avó, que eram muito passadas dentro de casa, mas vivi numa rua fantástica onde havia mais de vinte crianças e que não tinha saída de carros, pelo que não havia trânsito – a rua era toda nossa. Íamos para a rua, brincávamos à bola, ao mata, à caixinha... Eram muitos os jogos que inventávamos e sempre com muita gente. Tínhamos de fazer três jogos de futebol porque num jogo nunca se conseguia meter toda a gente a jogar; fazíamos uma terceira equipa, que jogava com a que ganhasse o primeiro jogo. Eram sempre coisas com muita gente e isso foi enriquecedor, não só por estar com os outros, mas também porque aprendi muitas regras sociais, coisas que a viver em casa se leva mais tempo a aprender. Existem códigos de conduta quando se vive em grupo... Lembro-me, por exemplo, de um momento em que estávamos a jogar à bola, alguém a chutou e ela passou a estrada. Em redor da estrada havia uma ribanceira sem proteção nenhuma que ia dar a uns prédios. A bola foi a saltar, a saltar, bateu num vidro e acabou por parti-lo. Foi engraçado porque estávamos vinte miúdos a jogar numa superfície lisa, a bola sai, vamos todos a correr, ficamos à beira do muro e vemos a bola naquela trajetória que já não pode ser evitada – o acidente vai acontecer e «pum», há o partir do vidro. Os mais experientes desapareceram rapidamente e os menos experientes – era o meu caso, tinha começado a ir para a rua há pouco tempo – ficaram a olhar para aquilo, pasmados, a ver o que é que acontecia a seguir. Claro que o que aconteceu foi a porta abrir-se e sair de lá um senhor enfurecido que perguntou «Quem é que fez isto?» Eu fiquei com aquele peso todo junto de uma pessoa adulta. Olhei para o lado, não havia mais ninguém, só eu – ele estava a falar comigo – e tive a reação natural de quem quer fugir de uma situação que não consegue enfrentar, que foi apontar para alguém. Claro que apontei para alguém que nem sequer estava ali – ele não viu quem foi – mas o simples gesto de ter apontado na direção de outra pessoa deu-me duas semanas de isolamento na rua em que ninguém falou comigo porque eu tinha quebrado uma das regras do grupo, que era «todos juntos para o bem e para o mal». Lembro-me bem desse acontecimento, foi muito marcante na minha vida: a partir desse dia fiquei a saber que era assim que se vivia em grupo. Tive a sorte de viver numa cidade do tamanho de Lisboa mas aquela rua podia estar no Alentejo ou no interior de Portugal, porque vivíamos no meio das árvores, da natureza, das casas e baldios; foram momentos muito enriquecedores, de que tenho boas memórias.

### **Nessa altura gostava de ler? E de desenhar?**

Lia pouco, mas as minhas irmãs liam muito. Gostava de banda desenhada que também era uma forma de ler. Gostava muito de desenho e tenho de confessar que as letras, arrumadas em muitas linhas seguidas, me traziam dificuldades em focar numa linha. Ainda hoje, se ler durante muito tempo, ao fim de uma hora fico um bocado cansado... A banda desenhada era uma forma de ultrapassar isso, porque havia o texto, a imagem e as histórias eram contadas numa lógica um pouco diferente. Li muita banda desenhada, mas dos livros convencionais daquela altura, como «os Cinco» ou «os Sete», pouco li.

### **Ilustrou a história *O Rapaz que Aprendeu a Voar com muitos bocados de tecidos, papéis e cartões.* Se aprendesse a voar como esse rapaz, que lugares visitaria primeiro?**

Se eu voasse acho que a primeira coisa que fazia era deixar-me levar pelo vento e ver até onde é que ia. Se há uma coisa de que gosto na viagem é a possibilidade de sermos surpreendidos

.....

por aquilo que nos aparece à frente, por qualquer coisa que não planeámos. Eu gosto muito de viajar sem planear, ou planeando o mínimo, exatamente porque acho que a coisa que há de mais fascinante na vida é sermos surpreendidos pelas coisas que nos acontecem. Às vezes são boas surpresas, outras vezes são más, mas mesmo com as más surpresas se aprende muito, quando passa algum tempo, fazemos o luto desse momento, olhamos para trás e vemos que aquilo nos tornou mais fortes e mudou a forma como vemos o mundo. Mesmo que viajasse no ar, que tem a vantagem de se poder passar por cima de muros, fronteiras, mares, lagos (não há limite, o ar é o mundo todo e essa sensação de liberdade deve ser fantástica), não planearia uma viagem, deixar-me-ia voar.

**O protagonista dessa história inspirou uma personagem de animação chamada Dodu, o rapaz de cartão. Porque achou que esta personagem podia ser animada? Como se distingue entre uma personagem que nasce para ficar quieta e outra que se pode movimentar?**

O nascimento desse rapaz é uma história interessante. Foi um desafio que o Alexandre Honrado me lançou. Enviou-me um texto e disse-me: «Olha para isto e vê lá se gostavas de ilustrar:» Ou seja, ainda não havia editoras envolvidas, eram só dois autores que se conheciam e cruzaram num texto. Olhei para o texto e senti que havia ali uma possibilidade de utilizar uma técnica e um universo que já existiam dentro de mim há algum tempo. Não é que eu tivesse trabalhado muito com cartão, mas tinha visto alguns trabalhos, de outros autores, e sentia que era um material com um potencial muito grande. Para além de ser muito económico, a grande vantagem desse material associado ao cinema de animação é que é muito leve – facilmente se coloca e mantém um boneco de cartão em posições instáveis, porque ele não cai, fica no ar como uma folha de árvore. Tinha a vontade de trabalhar nesse universo, surgiu uma história e de repente as duas coisas juntaram-se. As ilustrações desse livro foram terminadas dois dias antes de ir para a Bélgica filmar a curta-metragem *Passeio de Domingo* – quase em «contrarrelógio». O que me fascinou foi também a exploração de um material tridimensional, porque uma das coisas de que gosto muito nos objetos tridimensionais é a possibilidade de os filmarmos e fotografarmos com luzes muito diferentes: se a luz for muito escura, ficamos com um ambiente muito pesado; se de repente acendemos um foco mais intenso, pode ficar um dia cheio de sol. Essa possibilidade de através da luz mudar o que fazemos é muito apaixonante e foi sempre uma das coisas de que gostei muito no desenvolvimento de cinema de animação com marionetas. A segunda parte da pergunta...

**...Como é que se distingue entre uma personagem que nasce para ficar quieta e outra que se pode movimentar?**

Na verdade o Dodu não é um bom exemplo disso, porque, apesar de ter sido construído para ficar quieto, já tinha uma estrutura de arame por dentro, para poder fixar posições diferentes. Ou seja, esta marioneta não foi feita para estar quieta, tem um pescoço de arame e consegue «olhar» para cada um dos lados – não era ainda uma marioneta própria para animar, mas podia criar posições muito diferentes, sempre teve um bocadinho de movimento. É claro que quando decidi utilizá-lo num universo mais cinematográfico tive de reestruturar o esqueleto interior, que é o que permite animar um boneco (tem um esqueleto como o nosso, mas de metal). Essa reestruturação permitiu-me fazer coisas que não conseguia quando fiz o livro, mas diria que o livro já tinha uma marioneta que se mexia e com a qual já podia fazer um filme muito básico.

.....

**O que é mais difícil para si: ilustrar um livro para crianças ou fazer animação para um filme?**

Fazer animação para um filme, sem dúvida, muito mais difícil. Quando fazemos um livro para crianças, mesmo havendo um trabalho grande de criatividade que é muito parecido com o do cinema nessa fase inicial, o livro fica feito com doze ou treze ilustrações. Para um filme de animação que tenha um minuto temos de fazer 25 fotogramas por segundo – como em animação animamos metade, são doze imagens por segundo. A conta é simples: para trinta segundos faz-se à roda de 600 desenhos ou posições, um minuto são 1200 posições. Ou seja, em termos de quantidade de trabalho é incomparavelmente mais difícil fazer um filme de animação do que um livro.

**Em *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas* desenhou um burro que se transformou em automóvel. Se pudesse combinar um animal com uma máquina para inventar um aparelho novo, o que criaria?**

Eu vivo numa quinta, vejo animais todos os dias e as máquinas andam lá, mas normalmente existe um espaço entre eles. Acho que uma das coisas que os animais têm de fascinante é não estarem ligados às máquinas. Para além da carroça com o cavalo, que acho uma relação natural, não me atreveria a ligar mais nenhum animal a uma máquina.

**Faz ilustração usando muitas técnicas diferentes, como colagens, tintas e através do computador. Tem alguma técnica preferida?**

Gosto muito de desenhar e de pintar com acrílico. Porquê o acrílico? Porque tem um tempo de secagem muito rápido e permite sobrepor camadas – a pintura vai subindo na folha, embora pouco, e gosto disso. Também gosto de aguarelas pela transparência, mas é um tipo de trabalho mais imediato, é o momento e não dá para corrigir – ou é aquilo, ou não é e tem de se usar uma folha nova. Diria que todas as técnicas têm qualquer coisa que me agrada ou atrai. Outra coisa que me agrada é mudar de técnica de vez em quando – normalmente faço-o quando começo a sentir que o meu trabalho está a ficar todo muito igual, que já não consigo sair de uma certa rotina que fui criando. Para mim a troca de material é uma possibilidade de cortar com um espaço confortável que já dominamos e onde já sabemos como fazer tudo – cria-se um trabalho muito igual a si próprio e eu estou sempre a tentar ser diferente de mim.

**E técnicas que ainda queira experimentar?**

Gostava muito de experimentar uma técnica nova, que tem surgido com muita intensidade, o 3D. O 3D é, no fim de contas, a construção de objetos que nos dão uma sensação tridimensional, mas que na verdade sempre existiram dentro do computador – são criados dentro das máquinas. É uma técnica um bocadinho complexa, que tem muitas parecenças com a construção de marionetas, que faço, mas tem algum potencial ao nível da utilização da luz, da reutilização de imagens... Tem uma vantagem muito grande que é conseguirmos fazer movimentos muito lentos com 3D, enquanto na animação com bonecos há um limite que é o limite dos nossos dedos, que não conseguem mexer-se menos do que aquele bocadinho. Em 3D posso dizer à máquina que naquele espaço de tempo vai meter cem imagens e os movimentos tornam-se muito lentos, quase uma câmara lenta. Isso tem um potencial muito grande ao nível da expressão do movimento, se for bem usado. Tenho de confessar que um dia gostaria de o explorar, mas ainda não tive tempo de aprender 3D.

.....

### É importante gostar de ler? Porquê?

Sim. Apesar de ter começado esta entrevista a dizer que li muito pouco – e talvez tenha lido poucos livros só de texto –, tenho quatro filhos. Duas delas já são muito grandes e felizmente sempre leram muito. Pude perceber com o crescimento delas que pelo facto de lerem houve coisas nas suas vidas que se alteraram muito. Em primeiro lugar, começaram a ser capazes de escrever melhor. Os sonhos e ideias que tinham conseguiam pô-los no papel e de repente começaram a fazer textos lindíssimos com toda a criatividade que sempre tiveram. Mas a linguagem é também uma forma de explorarmos a nossa criatividade e, portanto, acho que é muito importante ler e gostaria de ler mais. O que acontece muitas vezes é que chego à cama cansado, tive um dia intenso, e quando abro um livro os olhos aguentam pouco tempo, mas já tive momentos em que li mais. Acho que a leitura é como voar, como dizíamos nesta entrevista, acho que a leitura também nos liberta, dá asas e permite explorar um mundo que tem limites maiores do que aqueles em que estamos a viver. ■